

**COPE, B. & KALANTZIS, M. (EDS.) MULTILITERACIES. LONDRES & NOVA YORK: ROUTLEDGE, 2000, 350 PÁGS.**

*Resenhado por: Rachael Anneliese Radhay*

A obra *Multiliteracies* é uma proposta ambiciosa de autoria do Novo Grupo de Londres que constrói um arcabouço para o desenvolvimento do Projeto de mesmo nome. Esta obra, organizada por Bill Cope e Mary Kalantzis, considera as mudanças através dos tempos e seus reflexos no ensino da escrita (letramento). Para tanto, os organizadores apresentam uma coletânea de 16 artigos, focalizando o “Por quê?”, o “Quê?” o “Como?”, e a “Prática” do Projeto de Multiletramento.

O Capítulo 1 traz à luz o conceito de letramento, apresentando seus diferentes aspectos nos ambientes de trabalho, pessoal (*lifeworld*) e público. Estes aspectos são marcados pela fragmentação, pela diversidade e pela ambivalência entre o público e o privado. Assim, destaca-se claramente a noção de hibridismo, tanto em termos de comunidades e *lifeworlds*, quanto em termos de sistemas semióticos e de ordens do discurso.

O Capítulo 2, escrito por James Gee, *New people in new worlds*, remete à noção de mudança, constante na introdução principal, e aprofunda as implicações das novas relações *vis à vis* a linguagem, o letramento e a aprendizagem neste contexto. O ponto fulcral do capítulo é a idéia de que o letramento deve ser uma ponte entre o novo capitalismo de mudança, flexibilidade, velocidade, inovação, resolução de problemas, colaboração e o mundo do indivíduo (*lifeworld*). O autor alerta não apenas para a questão da adaptação ao novo sistema, mas também para a crítica deste sistema e de suas desigualdades.

Mesmo assim, o autor parece se contradizer quando declara: “... o Manifesto de Multiletramento deve ser percebido como um Decreto de Direitos De Aprendizagem para as crianças do mundo”. Isto, aparentemente, causa um problema no Projeto de Multiletramento – há uma tendência à inclusão da heterogeneidade concomitantemente ao risco de homogeneização.

O Capítulo 3, *Cyber-schooling and technological change*, escrito por Carmen Luke, examina as implicações pedagógicas à luz das mudanças tecnológicas. A autora aponta o letramento crítico como aplicável à comunicação computadorizada e à hipertextualidade e fornece uma definição de letramento crítico, subdividida em três categorias.

O Capítulo 4, *Multiliteracies and multilingualism*, elaborado por Joseph Lo Bianco, traz à tona a idéia de que o Projeto de Multiletramento concebe a competência no letramento de forma plural. Lo Bianco argumenta que a pedagogia de Múltiplos Letramentos deveria igualmente incluir políticas multilíngues e multiculturais.

Mesmo assim, cabe ressaltar que o texto do autor traz à tona de forma curiosa uma informação que, até então, jazia subliminar, qual seja a existência, neste projeto, de uma visão ‘caucasiana’ do Primeiro Mundo. Na página 93, o autor declara expressamente: “os efeitos da solidariedade das formas lingüísticas são atropeladas para falantes nativos do inglês, quando distintas espécies estáveis de inglês atendem às necessidades da comunicação global”. Há, indubitavelmente, um preconceito em relação aos falantes nativos de inglês, de outras nacionalidades. Deve-se atentar ao fato de que o projeto de Multiletramento não deve ser utilizado como uma forma de divulgação de determinadas variações do inglês como a língua principal do mundo.

O Capítulo 5, de autoria de Martin Nakata, discute a diversidade cultural e o ensino de língua inglesa, além de fornecer subsídio para o inglês como língua principal. Este autor aponta a relevância do ensino apropriado do inglês nas ilhas Torres. Destaca que a pedagogia deve ser efetiva no sentido da preservação dos mundos individuais dos ilhéus, e da preparação das pessoas para um mundo exterior. Mesmo assim, ênfase deve ser dada a seguinte afirmação: “esta é a história de um povo voltado para o progresso” (p.112). Parece estar implícito, que o inglês é o fato gerador deste progresso.

No Capítulo 6, denominado, *Changing the role of schools*, Mary Kalantzis e Bill Cope, apresentam o conceito de experiência educacional e de letramento a partir da origem das pessoas. A proposta dos autores é, portanto, a criação de um diálogo acerca das diferenças.

Contudo, há um risco evidente de que isto seja meramente a continuação da antiga ordem homogeneizadora. Com efeito, a referência ao

inglês como ‘língua franca’, parece reiterar este pensamento. Evidencia-se ainda, uma contradição no discurso da diversidade do inglês: “o inglês torna-se fragmentado, tomando formas híbridas e instáveis que são cada vez menos inteligíveis; os crioulos das sociedades pós-coloniais...” (p.144). Isto é altamente questionável. O que significa mutuamente ininteligível? Estas espécies de inglês são mutuamente ininteligíveis para quem? Os povos pós-coloniais têm sido capazes de compreender a diversidade no inglês. Nota-se que não houve menção à proliferação da literatura pós-colonial. Como pode essa literatura ser utilizada no projeto de Multiletramento?

No Capítulo 7 - *Design and transformation - new theories of meaning*, Gunther Kress concentra a atenção do leitor no fato de que as teorias da linguagem não explicam outros modos de representação nem de interrelação. Alega que os sistemas de comunicação/sistemas de sentidos não são inteiramente estáveis e, portanto, a teoria semiótica que não leva em conta a mudança torna-se inapropriada, mormente, no período atual.

No Capítulo 8, *Multiliteracies and language - orders of discourse and intertextuality*, Norman Fairclough, introduz uma espécie de contraponto em relação ao capítulo anterior, na medida em que concentra sua atenção na fabricação do sentido. Em seu entendimento, o conceito de linguagem deve se dar à luz da mudança, da diferença e da criatividade. Para Fairclough, desenhar é atávico. Trata-se de um processo de negociação do eu e de outras identidades, mediante as várias práticas da linguagem. Ainda, sugere que a utopia invocada no presente projeto deve ser, cuidadosamente, considerada, para que se possam obter resultados práticos.

No Capítulo 9 - *Multimodality*, Gunther Kress reitera a discussão de modos de sentido. Retorna à idéia de que as teorias atuais de semiose são inadequadas, pois tratam apenas de um modo de significação - a linguagem. Em síntese, sugere que o projeto de Multiletramento deve enfocar uma gramática multimodal, em busca de uma pedagogia de letramento.

No Capítulo 10 - *Designs for social futures*, da autoria de Cope e Kalantzis, o termo *design* refere-se igualmente à estrutura e à ação - é um processo em que o indivíduo e a cultura são interligados. Os autores aprofundam a questão do *lifeworld*, buscando uma perspectiva transcendental em que haja “uma teoria crítica do pluralismo cultural” (p.208).

No Capítulo 11 - *The multiliteracies pedagogy*, escrito por Kalantzis e Cope, são introduzidos quatro aspectos: a prática situada, a instrução explícita, o enquadramento crítico e a prática transformada. Os autores fornecem quatro breves estudos de caso de como esses quatro aspectos supracitados funcionam e são utilizados em salas de aula na Austrália.

No Capítulo 12, *Taking cultural differences into account*, escrito por Courtney B. Cazden, é apresentada uma preocupação de que haja uma garantia para impedir que as diferenças culturais funcionem como barreiras à consecução do sucesso educacional. Entretanto, as diferenças culturais devem ser consideradas na criação de programas pedagógicos. Um importante ponto destacado é o de que os programas multiculturais ou de multiletramento não devem apenas focalizar os grupos menos favorecidos, mas também procurar conscientizar os grupos dominantes das mudanças do pensamento, um aspecto remotamente abordado nesta obra.

No Capítulo 13 - *Narratives and Inscriptions*, de autoria de Sarah Michaels e Richard Sohmer, é trabalhado o uso da narrativa e de outros gêneros mais convencionais no ensino. Os autores discorrem acerca das ferramentas utilizadas por professores, pesquisadores na sala de aula. Acrescentam que estas ferramentas não são consideradas criticamente quando do trabalho, da linguagem e dos textos.

No Capítulo 14 - *The Multiliteracies Project: South African teachers respond*, escrito por Denise Newfield e Pippa Stein, constata-se um elenco dos pontos de vista de 24 mestrandos da Universidade de Witwatersrand, na África do Sul, que utilizaram aspectos deste projeto no ensino de inglês. Alguns responderam positivamente ao projeto no que tange à experimentação e à reflexão crítica; outros, no entanto, consideram seu viés utópico um tanto ou quanto negativo. Ainda, houve um questionamento quanto à natureza internacional do projeto e à promoção do modo de vida e da cultura europeus. Curiosamente, o NGL não procurou estabelecer alguma experiência em um país originariamente colonizador e, cabe ressaltar, que apenas os países mais desenvolvidos do Novo Mundo foram selecionados para pesquisa.

No Capítulo 15 - *Negotiating a pedagogy of multiliteracies*, de autoria de David Bond, analisa-se um curso de Comunicação para Gestão na África do Sul, em termos do enquadramento de multiletramento. A revisão do

curso, segundo o autor, auxiliou na demonstração da dificuldade no delineamento de uma abordagem de enquadramento crítico, ao mesmo tempo que refletiu a necessidade deste enquadramento.

No Capítulo 16 - *Four Innovative programmes - a postscript from Alice Springs*, a autora Courtney Cazden sugere a utilização da metáfora mediante o uso de ‘zonas de contato’ (*ganma* em aborígine), para reafirmar as escolas e os currículos como pontos de convergência de culturas e grupos diversos. A autora enfatiza também que os programas educacionais de multiletramento não devem ser apenas criados, mas mantidos através do tempo.

Esta obra é, sem dúvida, interessante, malgrado sua leitura longa e densa. Aparentemente, a maioria dos exemplos e estudos de caso apresentados é retirada de lugares onde o multiculturalismo e a diversidade sempre existiram, mesmo antes da influência globalizante. A título de sugestão, seria apropriada a inclusão de um maior número de exemplos do Primeiro Mundo, onde os efeitos do pós-fordismo e do neo-capitalismo, tão bem detalhados nesta obra, podem ser percebidos *in loco*. Conclui-se que o Projeto de Multiletramento, curiosamente, deve ser interpretado como uma tendência ao predomínio do inglês ‘primeiro-mundista’, apesar de, em seus discursos, os autores preconizarem o contrário. Deve-se, ainda, observar que a abordagem dada a esta obra foi verticalizada, inobstante a presença marcante de um pensamento horizontalizado, fruto de um mundo novo, ‘descontrolado’, enfim, globalizado.

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Giddens, A. *Mundo em descontrole*. Trad. M.L.X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Record, 2000.